

Colocando o Ateísmo na Defensiva

Kenneth R. Samples

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Parte I

Pode trazer surpresa para muitos cristãos estes descobrirem que nem todos os ateístas são iguais. Eles argumentam de formas diferentes, dependendo da sua base de incredulidade. Nesta primeira parte discutirei duas formas nas quais os ateístas tentam explicar e defender seu ateísmo. Eu as chamarei de “ateísmo ofensivo” e “ateísmo defensivo”. Também oferecerei sugestões quanto a como os cristãos podem responder com sucesso algumas das alegações feitas pelos ateístas e eficazmente apresentar as alegações de Jesus Cristo. Na Parte II examinarei alguns dos argumentos tradicionais para a existência de Deus.

Ateísmo Ofensivo. Quando cristãos e ateístas entram num debate com respeito a questão “Deus existe?”, os ateístas freqüentemente afirmam que o peso da prova inteira está sobre o cristão. Isto, contudo, é uma falsa afirmação. Como o filósofo cristão William Lane Craig afirmou, quando uma pergunta tal como “Deus existe?” é debatida, **cada lado** deve cumprir sua obrigação e fornecer suporte para aquela que ele considera ser a resposta correta. Isso é diferente de debater uma proposição como “Deus existe!”, onde o peso da prova reside inteiramente com o lado afirmativo. Segue-se, então, que quando debatendo a questão da existência de Deus, tanto o cristão como o ateísta são obrigados a fornecer justificativa para sua posição. O cristão deve **insistir** que o ateísta forneça prova para a alegada não-existência de Deus. Isto, contudo, leva a um dilema lógico para o ateísta.

Por definição, ateísmo é a cosmovisão que nega a existência de Deus. Para ser mais específico, o ateísmo tradicional (ou ateísmo ofensivo) afirma positivamente que nunca existiu, não existe agora, e nunca existirá um Deus no mundo ou além dele. Mas essa afirmação dogmática pode ser verificada?

O ateísta não pode provar logicamente a não-existência de Deus. E aqui está o porquê: para saber que um Deus transcendente não existe, requerer-se-ia um conhecimento perfeito de todas as coisas (onisciência). Para conseguir esse conhecimento, requerer-se-ia acesso simultâneo a todas as partes do mundo e além do mesmo (onipresença). Portanto, a fim de estar seguro da alegação do ateísta, uma pessoa teria que possuir características divinas. Obviamente, a natureza limitada da humanidade impede essas habilidades especiais. A alegação dogmática ofensiva do ateísta é, portanto, injustificada. Como o logicista Mortimer Adler apontou, a tentativa do ateísta de provar uma negativa universal é uma proposição auto-refutadora. O cristão deve, portanto, enfatizar que o ateísta ofensivo é incapaz de fornecer uma refutação lógica da existência de Deus.

Ateísmo Defensivo. Muitos ateístas sofisticados estão hoje plenamente cientes das armadilhas filosóficas presentes no ateísmo ofensivo ou dogmático. Ateístas proeminentes tais como Gordon Stein e Carl Sagan admitiram que a existência de Deus não pode ser refutada. Isso levou tais ateístas a advogar o que eu chamo de ateísmo defensivo. O ateísmo defensivo afirma que, embora a existência de Deus não possa ser logicamente ou empiricamente **refutada**, ela é, contudo, **impossível de ser provada**.

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em março/2007.

Ateístas dessa variedade têm de fato redefinido o ateísmo para significar “uma ausência de crença em Deus”, e não “uma negação da existência de Deus”. Para esse tipo moderado de ateísmo, o conceito de “Deus” é como de um unicórnio, leprechaun ou elfo. Embora não possam ser **des**-provados, permanecem **não**-provados. A incredulidade do ateísmo defensivo está fundamentada na rejeição das provas para a existência de Deus, e/ou a crença que o conceito cristão de Deus (ou qualquer outro Deus) carece de consistência lógica.

Uma resposta cristã apropriada nesse ponto é que o ateísmo defensivo está usando uma definição **estipulada** e não-padronizada para a palavra ateísmo. Paul Edwards, um ateísta proeminente e editor de *The Encyclopedia of Philosophy*, define um ateísta como “uma pessoa que sustenta não existir nenhum Deus”. Portanto, o ateísmo implica uma negação da existência de Deus, não apenas uma ausência de crença. Deve ser declarado também que a ausência de crença do ateísmo defensivo soa muito similar ao agnosticismo (que professa a incapacidade de determinar se Deus existe ou não). O cristão deveria forçar o ateísta defensivo a mostrar simplesmente como seu ateísmo difere do agnosticismo. Ele **sabe** ou **não sabe** que não existe nenhum Deus?

A Incompetência do Ateísmo. Quer seja ofensivo ou defensivo, o ateísmo mostra-se por diversas razões inadequado como uma cosmovisão racional. Primeiro, o ateísmo não pode explicar adequadamente a existência do mundo. Como todas as coisas, o mundo no qual vivemos clama por uma explicação. O ateísta, contudo, é incapaz de fornecer uma explicação consistente. Se ele argumenta que o mundo é eterno, está indo contra a ciência moderna que declara que o universo teve um princípio, e então ele deve dizer o que o causou. De qualquer forma, o ateísmo não pode explicar adequadamente o mundo.

Segundo, a cosmovisão ateísta é irracional e não pode fornecer uma base adequada para a experiência inteligente. Veja, um mundo ateísta é ultimamente randômico, desordenado, transitivo e volátil. Ele é, portanto, incapaz de fornecer as pré-condições necessárias para explicar as leis da ciência, as leis universais da lógica, e a necessidade humana para os padrões morais absolutos. Em resumo, tal mundo não pode justificar as realidades (que possuem sentido) que encontramos na vida.

A cosmovisão cristã teísta, contudo, **pode** explicar esses aspectos transcendentais da vida. A uniformidade da natureza procede do desígnio divino para a ordem do universo.. As leis da lógica refletem a forma como o próprio Deus pensa, e como deveríamos também pensar. Os padrões morais absolutos, tais como “Não matarás”, espelham a natureza moral perfeita de Deus.

O Argumento Cristológico. Se indivíduos ateístas estão dispostos a considerar a evidência da existência de Deus, dirija a atenção deles às afirmações de Jesus Cristo. Jesus alegou ser nada menos que Deus em carne humana (João 8:58). Essa afirmação impressionante foi suportada por seu caráter inigualável, seu cumprimento da profecia preditiva, sua influência incalculável sobre a história humana, seus muitos milagres, e por último por sua ressurreição historicamente verificável dentre os mortos (para uma discussão plenamente desenvolvida do argumento cristológico, veja o livro *Apologetics: An Introduction*, de William Lane Craig). A evidência está definitivamente ali para o ateísta honesto examinar. Como falecido apologista cristão Francis Schaeffer disse, “Deus existe, e não está em silêncio”.

Parte II

Na Parte I, examinamos como os ateístas explicam e defendem a sua cosmovisão naturalista. Ofereci sugestões de como os cristãos podem responder tanto à abordagem dogmática (ateísmo ofensivo) como à cética (ateísmo defensivo) tomada pelos ateístas.

Agora, examinarei uma forma na qual os cristãos podem tomar a ofensiva, e oferecer evidência para a existência de Deus, ilustrando assim a racionalidade do teísmo cristão.

Quase todo mundo, pelo menos em seus momentos mais reflexivos, têm feito algumas questões simples tais como: De onde o mundo veio? Por que existe algo, ao invés de nada? Como o mundo veio à existência? Fazer essas perguntas elementares, mas profundas, tem levado à formulação de um argumento popular para a existência de Deus. O argumento é conhecido como o “argumento cosmológico”.² Ele deriva seu nome da palavra *kosmos*, a palavra grega para mundo. Embora existam diversas variações do argumento (veja *Scaling the Secular City* de J. P. Moreland [Baker Book House, 1987] e *Questions That Matter* de Ed L. Miller [McGraw-Hill, 1987]). O ponto básico do argumento é que Deus é a única explicação adequada para a existência do mundo. Esse argumento, que considero convincente e persuasivo, foi primeiramente formulado pelo filósofo grego Aristóteles. Sua mais famosa apresentação, contudo, foi dada pelo teólogo/filósofo cristão medieval S. Tomás de Aquino. Examinaremos agora uma forma popular e simplificada do argumento cosmológico, que pode ser apresentado ao ateuista.

Como explicamos o universo? Como explicamos a existência do mundo? Bem, logicamente falando, existem poucas opções – e apenas uma delas é racionalmente aceitável.

Nosso ponto de partida ao discutir o mundo é assumir que um mundo real de tempo e espaço de fato existe. Existem alguns que disputam essa suposição, argumentando antes que o universo é simplesmente uma ilusão. Contudo, a maioria dos ateuistas, sendo materialistas (que crêem que toda a realidade é, em última instância, matéria e energia), aceitarão prontamente seu ponto de partida. (Se o mundo fosse uma ilusão, não haveria nenhuma boa razão para crer que todos percebemos o mundo, mesmo que remotamente, da mesma forma. Mas nós, geralmente falando, experimentamos o mundo da mesma forma – e podemos até mesmo fazer previsões [ciência] corretas. Argumentar que o mundo é ilusório viola nosso senso comum e a experiência).

Visto que temos um mundo real diante de nós, como explicá-lo? Bem, a primeira opção é que o mundo de alguma forma causou ou criou a si mesmo. Isto, contudo, é uma conclusão irracional. Para algo criar a si mesmo, ele teria que existir antes de ser criado, e isso é completamente absurdo. Algo não pode existir e não existir ao mesmo tempo e da mesma forma. Concluir que o mundo criou ou causou a si próprio não é de forma alguma uma alternativa racionalmente aceitável.

Uma segunda explicação é que o universo veio do nada através do nada. Alguns ateuistas de fato argumentam dessa forma. Isto, contudo, também é irracional, pois algo não pode ser derivado do nada. Um efeito não pode ser maior do que a sua causa – e neste caso, a causa seria o nada. Uma das leis básicas da física é expressa pela frase latina *ex nihilo, nihil fit*, “do nada, nada procede”. É um tremendo salto de fé crer que o mundo emergiu do nada. Lembre-se que o ateuista é alguém que supostamente não tem nenhuma fé.

Nossa terceira opção é que o universo é simplesmente eterno. Ele sempre esteve aqui. Essa alternativa, contudo, também está fadada ao fracasso. Primeiro, o mundo em que vivemos mostra sinais que ele é contingente (depende para sua existência continuada de algo fora de si mesmo, ultimamente algo não causado e absoluto). O fato é que nenhum elemento no universo contém a explicação para a sua existência. Portanto, esta cadeia de contingências que chamamos de mundo precisa de uma base não-contingente ou absoluta de existência.

² Nota do tradutor: Vale lembrar que nem todos os cristãos endossam o argumento cosmológico. Por exemplo, vide o artigo abaixo:

http://www.monergismo.com/textos/apologetica/Argumento_Cosmologico_Clark.pdf

Além disso, o conceito de um universo eterno contradiz diretamente a visão prevalecente da ciência contemporânea, que ensina que o universo teve um princípio específico (*Big Bang*), num período finito de tempo atrás. Pior ainda: ele contradiz o fato científico que o mundo está gradualmente perdendo a energia disponível (Segunda Lei da Termodinâmica). Se o universo sempre existiu (isto é, eterno), ele já teria acabado (veja *The Fingerprint of God* de Hugh Ross [Promise Publishing, 1989]). Adicionalmente, se o universo é eterno, então ele teria um passado infinito (isto é, uma quantia infinita de dias, semanas, meses, anos, etc.). Isto, contudo, leva a uma contradição lógica. Por definição, ninguém nunca pode chegar ao fim de um período infinito de tempo; todavia, chegamos no hoje, que completa ou atravessa o assim chamado passado infinito (veja *Scaling the Secular City*). Esses pontos fazem a teoria do universo eterno científica e filosoficamente indefensável.

Vendo que essas outras alternativas falharam, a única alternativa verdadeiramente racional é aquela que o universo foi causado por uma entidade totalmente fora do espaço e tempo, uma entidade que é por definição **não-causada e última**. E, porque este Ser criou outros seres que possuem personalidade, ele deve também ser um Ser pessoal (lembre-se, o efeito não pode ser maior que a causa). Essa explicação está perfeitamente de acordo com o que a Bíblia ensina: “No princípio Deus criou os céus e a terra” (Gn. 1:1).

Este argumento, mesmo que considerado convincente, não traz o ateu à fé pessoal em Cristo. No máximo, ele chegará a uma divindade com muitos atributos teístas. Contudo, esse argumento ilustra que crer em Deus é racional, e nesse caso a única alternativa racional em explicar o universo.

Nesse ponto podemos voltar a discussão para Jesus Cristo e apresentar suas credenciais como sendo Deus encarnado (veja *Christian Apologetics* de Norman Geisler [Baker Book House, 1976] e *History and Christianity* de John Warwick Montgomery [Bethany House Publishers, 1964]). Lembre-se, crer simplesmente em Deus não salva uma pessoa. É um relacionamento com Jesus Cristo que salva (João 14:6).

Não tivemos tempo de discutir algumas objeções ateístas concernente a este argumento. Para uma lista de objeções e respostas com respeito ao argumento cosmológico, consulte *Faith and Reason* de Ronald Nash [Zondervan Publishing House, 1988] e *The Existence of God* de Richard Swinburne [Oxford University Press, 1979].